VIDA DO GLORIOSO SAM BRUNO
PATRIARCA e FUNDADOR
da sagrada Religião da Cartuxa

1
O Prodigio mayor da santidade,
E da virtude o objecto peregrino,
O exemplo universal da castidade
O Santo que no obrar foi mais divino
O emprego mayor da divindade,
O que no amor de Deos foy o mais fino,
Se com divino Santo o meu verso uno,
Cantar quizera aqui do grande Bruno.

2
Dizer quero em oytavas a hystoria,
De hum prodigio em virtudes extremado,
Para que fique mais na memoria,
Sendo com oytavario festejado;
Que hum Santo que hoje logra tanta gloria,
Deve ser com oytavas celebrado,
Pois que na excellencia tanto brilha,
Que foy sempre húa oitava maravilha.

3
Favor invoco a ti Musa divina,
Que dès à minha penna alento, e brio,
Que se es do alto coro a peregrina,
De tua protecção muito confio,
Descobrir hum thesouro, e húa mina,
Bebendo as claras agoas do teu rio,
Porque fique em teu coro por memoria,
Quem ço'os Anjos formou coro de gloria.

4
Mas porèm Musa minha neste dia,
Parece que invocarte aqui se escusa,
Que hum Santo que em mayor sabedoria
Deixa a mesma Sciencia mais confusa,
Outra erudição pede, outra energia;
Que não he bem se louve hoje por musa
A quem foi em Pariz por grão letrado
Nas mayores sciencias laureado.

5.
Nasce Bruno no mundo em feliz signo
Para ter ele de Alemanha a mayor gloria,
E no seu nascimento peregrino
Deixa aos annaes antigos jà memoria,
Porque foi nas acções tanto divino,
Que póde com razaõ dizer a historia,
Que se a Colonia he adorno a mor-belleza,
A colonia orna Bruno com grandeza.
6
Esta parte da terra mais famosa
Produzio como Ceo claro, e 1uzente,
Hum Sol em Bruno, ou estrella luminosa;
Quando logo se vio em seu oriente,
Com carreira mais rapida, e fogosa,
Sobe logo a lugar tão eminente,
Que sobe sem que o tempo vario o mude
Ao levantado monte da virtude.
7
Como Sol que ao nacer nas mãos da Aurora
Apparece por cima de altos montes,
E deixando os gentis campos de Flora,
Lá gira por sublimes orizontes,
E celebrado da Ave mais canora,
Retrataõ sua belleza as claras fontes,
Assi cantaõ de Bruno com doçuras,
Seu nascer, Aves, montes, fontes puras.
8
De menino nascèo tão inclinado
Às letras, à virtude, e santidade,
Que no exercicio dellas empregado,
Se mostrou em sua tenra e pouca idade
Que em milicia do Ceo o bom soldado,
Desde o berço se ensaia a ser deidade,
Porque acções pueris (se isto consultas)
Sempre foraõ presagio das adultas.
9
Sendo pois já de idade competente,
De Pariz quis cursar toda a sciencia,
Donde engenho mostrou taõ eminente
Que igualou o saber, com a prudencia,
E tendo admiraçaõ da douta gente,
Toda logo julgou com evidencia
Que como a sabio grande, e taõ letrado,
Se lhe deve em Pariz o Doutorado.

10
No templo Catedral de Rhés se emprega,
Em húa preminente Conezia,
Nella ao culto divino só se entrega,
Com zelo, com fervor, com alegria,
E de sorte sua alma a Deos se chega
Com rara edificaçaõ da clerisia,
Que a Deos levanta a voz, e no que canta,
O espirito ao Ceo também levanta.
11
Na musica foy taõ destro, e visto
Que por querer cantar com melodia,
Cantou por melhor clave, que foy Christo,
A quem com voz sonora o canto guia,
Nella se vio taõ destro e taõ previsto,
Que se algum dia a musica provia,
Pelos breves da terra sempre errava,
So às longas do Ceo as acertava.
12
Nesta musica faz gentis mutanças,
Passando do terreno, ao celeste,
E com sonoras vozes nas mudanças
O papel porque canta muy bem veste;
Foraõ nella as esperas esperanças,
Com que dos béns do Ceo já se reveste;
E as fugas que esta musica continha,
Para Deos, e para o Ceo as encaminha.
13
Na poesia foy muito eminente
Sem de Poeta usar os fingimentos,
Hypocrisia tal que naõ consente
Que de Deos tãto guarda os Mandamentos
Ao mais douto, devoto, e penitente,
Nella doutrina dava, e documentos,
E o conçeito que forma com effeito,
Hé sómente de Deos o seu conçeito.
14.
Nella foy seu saber taõ relevante,
Que por povoar de Deos a fertil vinha,
Compoz em verso heroico, e elegante,
Os Psalmos que David composto tinha,
De seu famoso metro, e consoante,
Para seu Deos somente se encaminha;
E em conceitos muy varios, e diversos,
Sò a Deos invocava em graves versos.

15
Assistindo às exequias de hum letrado,
Que em Pariz parecia douto e santo,
E havendo hum assistente começado
A liçaõ de defuntos, com espanto
levantou o defunto a voz turbado,
Que aos circunstantes move a triste pranto,
Dizendo, que por justo juizo eterno,
Estava condenado ao inferno.
16
Testemunho provavel, e approvado,
He quanto testemunhaõ as pinturas
Deste taõ miseravel condenado,
E se tiraõ de varias escrituras
Como do mesmo Deos foy reprovado,
E todas com razões muito seguras,
Declaraõ já por letra, e por escritto,
O horrendo lugar deste precito.
17
Esta voz que do lago mais profundo
Aos ouvidos de Bruno atemoriza,
Sendo voz de hum danado, e infecundo,
Foy voz que com espanto a Bruno avisa
Que desprende os caducos béns do mundo,
Resoluçaõ que deve ser precisa,
E se hua voz do Ceo converte a Saulo,
A Bruno a voz do inferno o faz hum Paulo.
18
Em hua mesma escada Jacob via,
Que espiritos ao Ceo alto subião,
Outros que pela mesma senda, e via,
Ao mais baixo lugar, nella descião,
E o espirito que ao baixo mais descia,
Servia de degrao aos que ascendião,
Este que a penna desce taõ notoria,
De degrao serve a Bruno para a gloria.
19
A Bruno, que ligeiro, e muito prestes
Intentava mudar o trato, & vida,
Lhe apparecem do Ceo Anjos celestes,
Que do mundo o puseraõ em fugida
Para a raiz dos Alpes mais agrestes,
A Bruno cada qual Anjo o convida,
Porque de taes raizes sem verdores,
Nascessem de virtudes, varias flores.

20
Resolve se em effeito o grande Santo
A deixar deste mundo as vãs promessas,
E as lagrimas nos olhos, todo em pranto,
Vendo as glorias do mundo taõ aveças,
E que estas eraõ todas doce encanto,
Que serve de esvair grandes cabeças,
Ao ver daquelle grande, a triste sorte,
Fala a seus companheiros desta sorte.
21
Que fazemos, Senhores, occupados
Nas especulações da Theologia?
Que nos importa o sermos taõ letrados,
Se exprimentaõ os olhos neste dia
Que os mais sabios se viraõ condenados?
Cesse pois da vaidade esta porfia,
Pois que ao mais ignorantes salvar vemos,
E nos com nossas letras nos perdemos.
22
Para Bruno seguir seu pensamento
O Ceo descobre a Hugo graõ Prelado
Sette estrellas do alto firmamento
Nas quais reconhecèo representado,
De sette varões nobres seu intento,
Sendo Bruno entre os seis mais sinalado,
Segue o que o pensamento lhe dibuxa,
Nas mais asperas serras da Cartuxa.
23
Com hua naçaõ barbara se empenha
Todo o Ceo em mostrarlhe a Deos nascido
Em hua estrella clara, que desgrenha
Seu bello resplandor, farol luzido,
Servindo-lhe a tres Reys de clara senha,
Para darem a Deos culto devido;
Se hua estrella a tres Reys dá luzes bellas,
Para Bruno se empenhão sette estrelas.
24
Mostrando o Ceo de estrellas seu alinho,
Logo Bruno do mundo se destrella,
E tomando o mais aspero caminho,
Caminha para o Ceo deixando a terra,
Em hua aspera serra faz seu ninho;
Que foy serra da estrella a herma serra,
Pois quanto como estrella ao Ceo se planta
Bruno melhor da terra se levanta.

25

Na terra da Cartuxa toma porto,
Quando Bruno navega o mar do mundo,
Donde a contemplaçaõ em Deos absorto
Para elle foy o empenho mais jocundo,
E achando em settè estrellas seu conforto,
Ca na terra deixou o orbe immundo,
E para navegar Bruno mais sabio,
Lhe mostra o mesmo Ceo o astrolabio.

26

De Bruno sette estrellas foraõ guia,
Que o conducio a vida mais estreita;
O numero de sette foy o dia
Em que a obra acabou Deos mais perfeita,
Que foy do Ceo, e terra a monarquia:
E tanto Deos nessa obra se deleita,
Que se nos sette dias tem folgança,
De Bruno em sette estrellas Deos descança.

27

Se o setteno foi sempre infausto indicio
Do risco indubitavel da doença,
Hum setteno de estrellas muy propicio
Para Bruno he feliz sua presença,
Pois dando Bruno morte ao mesmo vicio,
Bem jà recear pode de que o vença,
Que para elle de estrellas o setteno
Sempre ao mortal pecado foy veneno.

28

Em sua Igreja forma o Autor da graça
Hum Ceo de doze estrellas reluzente
E sendo Capitaõ da melhor praça
Aos Apostolos fez Manutenentes
Se doze estrellas forma a sua traça
Em luzes como Sol resplandecentes
Na Religiaõ de Bruno he bem se veja,
Que sette estrellas ornaõ sua Igreja.

29

Este Ceo que se adorna de diamantes,
Com estrellas brilhantes e luzidas,
Posto que luzes sejaõ taõ brilhantes,
Hum tempo se haõ de ver do Ceo cahidas,
Mas de Bruno as estrellas radiantes,
Que firmes sempre estaõ ao Ceo unidas,
Quando sintaõ ruinas luzes bellas,
Sempre firmes seraõ suas estrellas.

30
Vê ao Filho de Deos o Evangelista,
Quando na sua gloria magestoso,
E dispensando Deos à sua vista
Sette estrellas em numero famoso,
Em sua maõ divina alli resista;
Este successo taõ mysterioso
Mostra claro o pincel que isto debuxa,
Que as sette estrellas saõ da graõ Cartuxa.
31
He cousa averiguada, e muito notoria,
Se estaõ na maõ de Deos luzes taõ bellas,
Que as tenha muito firmes na memoria,
E que o melhor juizo julgue dellas,
Que se em tal maõ os justos tem a gloria,
Tendo pois Deos nas mãos as sette estrellas,
De Bruno a Religiaõ, sem muitos custos,
Igualaraõ ao numero dos justos.
32
De dia brilha o Sol na fermosura,
Quando já dà a lograr seus resplandores,
As estrellas porém na noite escura,
Luzem por entre sombras, e entre horrores,
E quando o Sol do mar faz sepultura
Ostentaõ as estrellas seus candores,
Bruno de sette estrellas coroado,
Sò deu luzes à noite do peccado.
33
Sette estrellas do Ceo se vem fermosas,
A que chamaõ do norte a sua barca,
Sette estrellas se vem religiosas,
As quaes o Ceo da Igreja hoje abarca,
Cujas acções, por serem generosas,
Sua luz naõ conforme a dura Parca,
Estas são as que seguem a melhor sorte.
Na Cartuxa, levando a Deos por norte.
34
Em forma de coroa bem tecida
De estrellas mostra o Ceo com melhor loa,
Que das guerras do mundo mais renhidas,
Tem os filhos de Bruno a melhor coroa;
Se arriscaõ com rigor as mesmas vidas,
He bem se seu louvor já tanto soa,
Que a Bruno, e aos seus filhos por vitoria,
Coroas lhe prepare o Ceo de gloria.

35
Se de estrellas hua coroa magestosa
Que vio o Evangelista o contesta,
na celeste cabeça da esposa,
Por seguir do deserto a aspereza,
De estrellas tem coroa luminosa
Bruno quando este vaõ mundo despreza,
E assi busca, fugindo desacertos,
Da Cartuxa os mais asperos desertos.
34 bis
Promette Deos aos justos por vitoria,
(Se o meu entendimento aqui naõ erra)
Dar coroa do Ceo de immortal gloria,
De pedras de mais preço, que elle encerra,
Mas se he cousa constante, e bem notoria,
Que essas taes pedras saõ filhas da terra,
Melhor coroa o Ceo de luzes bellas,
Quando a Bruno coroa dá de estrellas.
35 bis
Em forma de coroa reluzente,
Que compõe sette estrellas mui brilhantes,
Se representa Bruno penitente
Com companheiros seis de Deos amantes,
Que no aspero, duro e abstinente,
Saõ da Igreja luzidos diamantes,
E se he da terra o corpo, e do Ceo a alma,
O Ceo lhe dá a coroa, a terra a palma.
36
Ao darem os antigos liberdade
Ao cattivo que os tinha bem servido
Para lograr de tal felicidade,
Jà lhe tinha o Senhor apercebido
Coroa de pomposa majestade;
Aos filhos de Bruno esclarecido
Ter coroa de estrellas melhor fundo,
Quando jà a servidaõ naõ tem do mundo,
37
Caminhou ao deserto retirado
Bruno que o Ceo buscava ca na terra,
Deixando da cidade o povoado,
Quando para a Cartuxa se desterra,
E de estrellas luzidas coroado
Ao demonio lhe fez continua guerra,
E notando da terra o infecundo,
Libello de repudio deu ao mundo.

38

Na balança do juizo o mundo pesa
E vendo que seus béns pesaõ taõ pouco,
E por ser circular naõ ter firmeza,
A suas doces vozes se fez mouco,
E quando serve a Deos com tal presteza,
Por ver as sem rações do mundo louco,
De seus béns temporaes se descontenta,
Que se são temporaes, seraõ tormentas.

39

Para hua inculta, e dura terra,
Do mundo e falsos béns desenganado,
Com seus seis companheiros se desterra,
E em campanha do Ceo melhor soldado,
Vencendo as vaidades ca na terra,
Vencendo do inferno e do peccado,
E pondo na Cartuxa húa emboscada,
Vencida deixa a carne rebelada.

40

Já depois de habitar a serra inculta,
Perseverando nella uns poucos annos,
Sua regra co'os Monges a consulta,
Que ha mister mais esforços que os humanos,
E desta conferencia lhes resulta
Dos béns todos do mundo desenganos,
E co'a resoluçaõ, que Bruno toma,
Vay com seis companheiros para Roma.

41

Hum Pontifice em Roma presidia,
Discipulo de Bruno, dos que em França
Sua sabia doutrina alli aprendia
E vendo deste Santo a tal mudança,
E a virtude em que tanto florecia,
Com taõ subtil juizo isto alcança,
Que sendo Padre tanto com verdade,
De Bruno aprender pode a santidade.

42

Na Curia Romana se appresenta
Bruno co'aquelles Santos companheiros
Que na rota de Roma mais attenta,
Seguem do illustre Santo os seus roteiros;
E logo que entra nella Bruno, intenta
Com affectos iguaes, e verdadeiros,
E com a mais sincera consciencia,
Dar ao grande Pastor obediência.

43
Da Igreja universal o mor Prelado,
Em quem consiste a Fé mais verdadeira,
Vendo a Bruno lhe mostra grande agrado,
Porque havia da Fé pór a bandeira
No lugar mais excelso, e levantado,
Defendendo da Igreja a fiel fronteira,
E para destruir do hereje a sanha,
Logo o fez General desta campanha.
44
A todos os assaltos dos contrarios,
Com que tanto invadiaõ nossa lgreja,
Com muy claras razões, discursos varios,
Bruno com graõ valor sempre peleja,
Para a força impedir dos adversarios,
Com talento, e com animo forceja,
E assi logo applacou tantos ruidos,
Deixando herejes impios destruidos.
45
De Bruno os companheiros desejosos,
De tornarem à sua soledade,
De sua quietaçaõ mais sequiosos,
Todos pedem a Sua Santidade,
Licença com obsequios primorosos,
A qual lha deu com bem difficuldade,
Porque queria em seu pontificado
De taõ santos varões, verse ajudado.
46
Só a Bruno naõ permite que se aparte,
Da sua companhia e de seu lado
Porque divisa nelle engenho, e arte,
Para assi o ajudar em seu estado,
E porque o considera invicto marte,
E, da christã milícia graõ soldado,
Vendo de tal talento o seu estylo,
Julga ter nelle zelo, e ter asilo.
47
Em fim o Pastor summo, que regia
A Igreja, de Bruno satisfeito,
Lhe quis dar de hua igreja a prelazia,
E tendo-o Arcebispo della eleito,
Vendo as obrigações que isso trazia,
Quiz antes que trazer a Cruz no peito,
Com mais admirações e mais assombros,
O trazer essa Cruz sobre seus hombros.

48
Largou das dignidades as delicías,
Por seguir o mais aspero caminho,
E por ter as virtudes taõ propicias,
Mais quiz um sayal grosso, do que o linho
E quiz mais do que roupas Pontificias,
O humilde escapulario, ou bentinho,
E de sua humildade accompanhado,
Estima mais ser bento, que sagrado.
49
O bago pastoral alli regeita,
Porque a Episcopal autoridade
Era opposta a sua vida taõ estreita,
E se naõ quiz do bago a dignidade,
Que aos perigos està tanto sugeita,
So foy para plantar na soledade
A vinha do Senhor sem muito estrago,
Onde nella naõ perde o menor bago.
50
A mitra, que he o ornato da cabeça,
Com que todo o Arcebispo mais se adorna,
Toda esta honra Bruno alli despreza
E de rara humildade tanto se orna,
Na humilde e pobre vida que professa,
Que a sua solidade outra vez torna,
Mais que mitra de bispo com bom zelo,
Estimando de Monje o seu cappello.
51
Alli dando a seus Monjes grande exemplo
No exercicio, que tem de suas cellas,
De virtudes parece hum Ceo, hum templo,
Ceo, porque tantas nelle produz estrellas,
E templo, porque em Bruno já contemplo
Hum adornado Altar de ricas telas,
Onde a virtude nelle nunca encalma,
Sendo o ornato melhor para a sua alma.
52
Nessa solidaõ, chea de aspereza,
Andando o graõ Rogerio caçando,
Deu com Bruno, e seus filhos na dureza,
Onde os achou alli todos orando;
Admirou-se de ver tal estranheza,
E os cães qu'atraz da caça vaõ ladrando,
Feras buscando, e lobos carniceiros,
Alli daõ com mansissimos cordeiros.

53
Estes bruttos sem luz e sem conselho,
Por mais superior, e alto destino,
Vendo alli retratado como em espelho,
Naquelle humano ser tanto divino,
E a Bruno que em virtude, sendo velho,
Em taõ grande inocencia o vê menino,
A este pois que orando a Deos acharaõ,
De giolhos ante delle se prostraraõ.

54
Antonio Portuguez encarecido
Vio os peixes do mar rude obedientes,
Applicando ao Sermão seu o ouvido,
Que os herejes fugiaõ imprudentes,
Com taõ grande milagre parecido
Se vio Bruno com lances diferentes
Que se a Antonio do mar os peixes oraõ,
Os animaes na terra a Bruno adoraõ.

55
Fazendo ao illustre Santo reverencia
Os brutos vio-se alli restituido,
O primeiro estado da innocencia,
Que pela culpa Adaõ teve perdido,
E o que à grandeza aspira sem prudência
Esta a perdèo alli por presumido,
Mas Bruno que de humilde logra os frutos,
Lhe daõ obediencia os mesmos bruttos.

56
Vendo Rogerio Conde generoso,
D'aquelles Hermitães sua aspereza
Liberal lhes concede, muy gostoso,
Hua comprida legoa da devesa
Para seu domicilio venturoso,
E posto mostre o Conde esta grandeza,
Elles julgaõ alli bellas alcovas
As suas subterraneas, e vis covas.

57
Naquella solidaõ taõ desabrida,
E naquella aspereza desusada,
Alli mortificava Bruno a vida,
Quando se mete na agoa congelada;
Porem todo o juizo aqui duvida,
Que húa alma de delictos taõ lavada,
Com lances taõ crueis, e desusados,
Pudesse lavar culpas, nem peccados.

58
Tanto em fogo de amor o Santo ardia,
Tanto para com Deos já se abrasava,
Que o incendio de amor, que em si sentia,
Sua alma mesma tanto a inflamava,
Que do fogo de amor sempre vivia,
E assi desta agoa que o banhava,
Bem della presumirse pode logo,
Que o incêndio não apaga de tal fogo.
59
Bruno com seus devotos companheiros,
Para que da memoria logo borre,
os bens do mundo taõ perecedeiros,
Por aquelle inculto ermo jà discorre,
Buscando so do Ceo os verdadeiros
E em hum lugar que todos chamam Torre,
Fez desta torre Bruno com seu zelo
Contra o peccado, torre, e fez castello.
60
Occupado entre santos exercicios,
Por aquelles desertos rígorosos,
Dando batalha rija aos mesmos vicios,
Coroado de lauros gloriosos,
Teve sempre por si os Ceos propicios,
Invicto contra si béns enganosos,
Estes em variedade diferentes,
Aquelles sempre húns, e permanentes,
61
Hum paraiso de flores deleitoso
Hum muy fresco jardim de varias flores,
Entre o deserto inculto, e rigoroso,
Bruno o povoou de mais verdores,
Que posto que o rigor era penoso,
Mostra alli da pureza os seus candores
E posto que era a terra pouco amena,
Em Bruno produzia hua açucena.
62
Das riquezas da terra desasido,
Da pobreza do ermo enamorado,
À voz daquellas nunca deu ouvido,
A esta applicou sempre o seu cuidado,
Naquellas se julgava por perdido,
Nesta se considera por ganhado,
E hum ganaperde aqui joga com manha,
Pois quando perde o mundo melhor ganha,

63

Quando co'a penitencia mais enfermo,
mayor valentia entaõ se achava,
Por quanto na aspereza daquelle ermo,
A sua alma maior alento dava:
No austero da vida naõ fez termo,
E do mayor rigor nunca cessava,
E sò hum termo fez com melhor forte,
Que para o mundo foy termo de morte.

64

A sua austeridade, e penitência,
O tornava das forças acabado,
Porque era tanta, e tal a sua abstinencia,
Que aquelle deserto inhabitado,
Seu frequente rigor e continencia,
Muy estatico o tinha, e muy myrrhado;
Se na Deserta a myrrha se acha certa,
Ao deserto fez Bruno húa deserta.

65

Do deserto em que Bruno està mettido,
Seguindo da virtude o melhor norte,
E fugindo da Corte o seu ruído,
O tira o Papa Urbano para a Corte;
Vio-se de Bruno o Papa obedecido,
Submettendo-se o Santo de tal sorte,
Que quando o Vice-Deos quiz lhe assistisse,
Lhe obedecia como se a Deos visse.

66

Da milícia da Fé melhor soldado
Ao graõ Capitaõ della, o Padre santo
Valente acompanhou sempre a seu lado,
Para aos herejes dar terror, e espanto,
Vendo o sacro concilio convocado
Na defensa da Igreja obrava tanto,
Que sendo Bruno della hum claro espelho,
Delle toma o Concilio o seu conselho.

67

Depois em outro Arcebispado eleito
Se vio segunda vez o illustre Santo,
Mas como ser podia delle aceito
Quando o estado de Monje estimou tanto?
E como era este o seu melhor conceito
Torna por dar ao mundo novo espanto,
Como quem foge de perigos certos,
De Calabria a seus asperos desertos.

68
A Bruno o acclamaraõ os Doutores
Muro forte da Igreja, em quem se via,
Sem admittir jà mais competidores,
A mais luzida e fiel sabedoria,
Que sombra de ignorancia, nem errores,
Nunca em taõ claro juizo os admittia,
E com sabedoria opportuna
De toda a Igreja foy forte coluna.
69
A mais rara virtude poz o sello,
Porque na deixaçaõ da propria terra,
De hum Abrahã foy o mais propio modelo
Quando da cara patria se desterra,
De hum Moyses teve aquelle ardente zelo
Na observancia da ley, que em si encerra,
E assi ao mesmo Ceo melhor conquista,
Porque foy do deserto outro Baptista.
70
Entre serras e montes muy gigantes,
Entre riscos, e penhas levantadas,
Montes, que no rigor jogaõ montantes,
Penhas, que na dureza daõ pedradas,
Onde os ventos assopraõ muy constantes,
E as calmas fervem mais continuadas,
Tudo isto escolhe Bruno sem abrigo,
Para o corpo tratar como inimigo.
71
Da Religiaõ de Bruno a abstinencia
Hua Quaresma he continuada,
Onde he taõ grande a sua penitencia,
Que quando a carne vém necesitada,
Tem por sua mayor conveniencia
De immundicias de carne naõ ter nada,
Que antes hum se ver morto e finado,
Que verse de immundicias maculado.
72
Do arminho observaraõ os mais antigos,
Se acossado se vê dos caçadores,
Que antes quer padece mortaes perigos
Que consentir manchados seus candores:
Saõ os filhos de Bruno os inimigos
Do regalo da carne, e seus sabores,
Dados à penitencia e jejuns duros,
E todos sem ter mancha, arminhos puros.

73
Em continuo silencio exercitados
Saõ os filhos de Bruno puro, e Santo,
Martyrio que o impio Rey aos condenados
Dava por mor rigor causando espanto:
A seus Monjes deixou martyrizados
Bruno na guarda he tormento tanto
Pois David lamentando seus destroços
Diz que o fslencio lhe secara os ossos.
74
No palacio do Ceo onde Deos mora
Em que a contemplaçaõ he mais devida,
Se teve so hum silencio de meya hora,
Sem que palavra alguma fosse ouvida,
Porèm no Ceo de Bruno se melhora
O Silencio perpetuo da vida,
E só com Deos no Ceo lhe fala amores,
Quando algum Monje seu lhe dà louvores.
75
De branco, que he cor propia da gloria
A seus illustres filhos Bruno veste
Porque tendo do Ceo feliz memoria,
Do mundo escusaraõ a infausta peste;
E porque delles diga a sua historia,
Que ao cilicio que Bruno lhes reveste,
A seus olhos de amor ardentes fragoas.
Vestem, tambem de chamalote de agoas.
76
Do mundo retirados, e escondidos,
Professaõ a perpetua clausura,
Para, que com seu Deos só entretidos
Possuaõ de sèu rosto a fermosura,
Que parece chegou a seus ouvidos,
De Paulo hua infallivel escrittura,
Onde com reverencia diz devida,
Que sua vida com Christo està escondida.
77
He cada Religioso em seu convento
Ao vil trato do mundo já escondido,
Hum mysterio profundo, hum Sacramento,
Porque de cada qual tenho entendido
Que esse branco sayal que veste atento,
He o seu accidente mais luzido;
Porque he cada hum delles sem engano,
Angelica substancia em ser humano.

78

Bruno, e sua familia mais querida,
Quando escondida ao mundo se desterra,
Qualquer dos filhos sèus pedra he luzida,
Que no engaste mais fino amor encerra,
Porque he cousa muy certa, e bem sabida,
Que ao mais fino diamante esconde a terra,
E ao mesmo Deos lhe deu culto devido
Moyses, porque o adorou Deos escondido

79

De hum jasmin que nas Indias se cria
Se diz que antes q'o Sol lance seus rayos,
Para que assi dê lustre ao mesmo dia,
Tem cuberta a belleza com desmayos,
Porèm descobre logo a galhardia,
Quando o Sol ao nascer faz seus ensayos,
Mas quando sua luz o Sol desterra,
Outra vez à belleza, a flor encerra.

80

Saõ os Brunos jasmins pela brancura,
Que esperaõ ao Sol Christo de continuo,
E para verem delle a fermosura,
Se abrem todos a voz de hum brando sino
Por gozarem a luz deste Sol pura:
Mas em quanto naõ vem o Sol divino,
Que vaõ lograr no coro desvelados,
Estaõ dentro nas cellas sepultados.

81

Tem as acções de sorte ao Ceo unidas
Quando vivem do Ceo mais anciosos
Que às delicias da terra aborrecidas
Velando em sua regra cuidadosos,
Muito melhor empregaõ suas vidas
Em taõ continua vella temerosos:
Que sempre esta em vella desta forte,
Quem co'a vella na maõ espera a morte.

82

Os montes da Cartuxa povoados
De varões se estaõ vendo ao mundo mortos
Em puro amor do Ceo taõ abrazados,
Que a toda a hora em Deos estaõ absortos,
E de sorte na gloria transformados,
Que nella tomaõ mais seguros portos;
Tendo ao Ceo o caminho mais direito,
Ao passo que navegaõ pelo estreito.

83
Hum ermo lhes da Bruno solitario,
E, nas suas mais concavas cavernas
Fabricaõ de penhascos santuarios,
Em que lograõ do Ceo luzes eternas,
Cada aposento fica hum relicario,
Deposito fiel de acções supernas,
Receptaculo sendo a Monjes tantos,
Como reliquias jà de muitos Santos.
84
Em effeito familia que he taõ pura,
Que ainda ao mesmo Ceo espanto dava,
Pois no proprio rigor tanto se apura,
E tanto a fragil carne jà domava,
Que parece que só a sepultura
Para seus ossos secos lhe restava,
E assi em Deos suspensos, e absortos,
Parecem mais que vivos, homens mortos.
85
De Bruno a aspera vida, e mais austera,
Para seus filhos era espelho claro,
Com que passaõ alem da azul esfera,
Inimitavel vida, e trato raro,
Que tão grande de Bruno o rigor era,
Que nunca a carne deu nenhum reparo,
Repartindo a seus filhos sem porfias,
O espirito duplex de outro Elias.
86
Quando nos canaes de agoas sequiosas,
Mansas as ovelhas de Jacob bebiaõ
Lhe poz varas de cores mysteriosas,
Para que as suas crias, que pariaõ,
De varias cores fossem mais fermosas;
Nas agoas da doutrina que corriaõ
De Bruno, a seu rebanho muitos molhos
De varas de rigor lhe punha aos olhos.
87
Da terra se despede Bruno Santo,
Por partir a lograr o Sol divino,
Mas quem della naõ teve o doce encanto,
Por viver sempre nella peregrino,
Já naõ sente da morte o triste pranto,
E assi posso dizer (se nisto atino)
Naõ se aparta do mundo, nem desterra,
Quem nunca avaliou por patria a terra.

88
No Ceo aonde em mansa e doce calma
O nosso illustre Santo jà descansa
Possue o corpo do cilicio a palma,
E a alma do silencio a mor folgança,
Que se Bruno em calar naõ se desalma,
E em cilicio trazer naõ fez mudança,
Diremos que hoje tem o Ceo propicio,
Quem com silencio o leva, e com cilicio.
89
Se Ilario Santo, puro, e penitente,
Quando la na Tebaida vivia,
Tendo a hora da morte taõ presente,
Receosa a sua alma já a temia,
Bruno se acha na morte taõ valente,
Que a mesma morte ousado desafia
Porque a morte naõ he para temida,
De quem se portou sempre morto em vida.
90
Nos braços cõ hum Christo acompanhado,
Se vé na sua morte Bruno Santo,
Que se com Deos vivèo crucificado,
Qual vivèo outro Paulo, naõ me espanto
Que tivesse na Cruz Christo a seu lado
Aquelle que na vida o amou tanto,
E que em braços de Christo seja visto,
Quem nos braços vivèo sempre de Christo.
91
Com ancias, e suspiros amorosos
Na maõ de Deos entrega a alma santa
Deixando aos Monjes todos saudosos
Com tanto sentimento, e magoa tanta,
Que a mostraraõ em seus olhos lacrimosos;
Mas quando todos choraõ, Bruno canta,
Porque se ve num hermo inhabitado,
De Anjos em sua morte acompanhado.
92
Lançaõ seu Santo corpo a terra dura,
Tomando no Ceo a alma o feliz porto,
E o rigor que até a morte tanto dura,
Parece o conservou depois de morto,
Porque se a cella foy a sepultura,
Quando com Deos estava mais absorto,
Da vida ajunta à morte com tal ancia,
Que desta à morte fez pouca distancia.

93
O que vivo ensinou ao mundo inculto,
Com exemplo fiel da Santidade,
Quando na sepultura se acha occulto,
Melhor ao mundo prega esta verdade,
E se fala Ezequiel com brando vulto,
A huns àridos ossos noutra idade,
Os ossos de Sam Bruno sendo humanos,
Estaõ falando ao mundo desenganos.
94
Bem junto a seu sepulcro se repara
Com devota atençaõ à fé devida,
Nascer alli hua fonte de agoa clara
Que a enfermos dà saude, a mortos vida,
De Deos a divindade summa e rara,
Por Bruno Santo vemos dividida,
Porque de Deos no Ceo, excelso monte,
Sempre da vida se està vendo a fonte.
95
De húa asperrima penha seca e dura
Com hum brado que a Deos Bruno levanta
Tua agoa crystallina, clara e pura,
Effeito da oraçaõ devota e santa
Quando Moyses da penha, agoa procura,
Com húa vara a golpes a quebranta,
A voz de Bruno de penhascos duros,
Mais facilmente tira crystaes puros.
96
Húa planta de sette folhas bellas,
Nasce junto a esta fonte crystallina,
Hua superior a todas ellas,
Que para o grande Bruno se destina
Abaixo quatro, que quem chega a velas
Dos prestes quatro o numero declina,
Duas que no lugar infimo se assentaõ
A dous frades conversos representaõ.
97
A mesma terra humilde e o Ceo luzido,
Ambos daõ testemunho dos fervores
Com que Bruno, e seus filhos haõ vivido:
De pureza taõ grande nos candores,
Com os quaes tem ao mundo suspendido,
O mostra a mesma terra em sette flores,
E que sejaõ brilhantes luzes bellas,
O Ceo o testemunha em sette estrellas.

98

Hum prodigio que ainda hoje dura
Se nota no lugar que a Bruno encerra,
E he que havendo no campo assaz verdura
Naõ produz cousa verde aquella terra,
Aonde està de Bruno a sepultura,
Mas seu corpo a verdura alli desterra,
Que ainda morto explica quanto o cança,
Deste mundo húa vã verde esperança.

99

Hoje à vista de Deos a mayor gloria,
logra Bruno no Ceo sem nenhum susto,
Porque de Deos na celica memoria,
Ha de estar quem no mundo foy taõ justo,
Que delle despreçou a vil escoria,
Pois o Ceo leva Bruno a tanto culto
Na gloria perduravel que hoje piza,
Que sendo homem mortal, se immortaliza.

100

Ordena o papa Leaõ por seus mandados,
Na cannonizaçaõ de Bruno Santo,
Que os seus muitos milagres approvados,
Naõ se comtem no mundo, e naõ me espãto,
Que se nos outros Santos saõ contados
Os milagres que fazem, neste canto,
Julgarei que foy Bruno taõ divino,
Que sem conto hum milagre foy contino.

101

Detente, pàra já musa divina,
Das agoas do Parnaso a sacra vea
Suspende, porque o juizo naõ atina,
E o discurso mayor aqui se enlea,
Ao querer descobrir taõ rica mina:
E em Bruno glorioso o mundo lea,
Na mayor santidade, e mais diffusa,
O que em verso explicar naõ pode a musa.

L A U S   D E O